

## **Todo Ano Tem. As Festas na Estrutura Social Camponesa**

*Sergio F. Ferretti\**

PRADO, Regina Paula dos Santos. **Todo Ano Tem. As Festas na Estrutura Social Camponesa**. São Luís: PPGCS/GERUR/EDUFMA, 2007. 200 p. ISBN 978-85048-84-6.

Em boa hora o PPGCS/UFMA, através do Grupo de Estudos Rurais e Urbanos (GERUR), por iniciativa da Professora Dra. Maristela de Paula Andrade, foi editado este importante trabalho de Regina Prado. Trata-se de sua dissertação de Mestrado, defendida há trinta anos no Museu Nacional do Rio de Janeiro, sob orientação do Professor Dr. Roberto da Matta e só agora divulgada em livro.

Regina Prado realiza pesquisa sobre o campesinato na Baixada Maranhense e sobre o bumba-meu-boi enquanto festa na estrutura social. Utiliza referências bibliográficas que continuam atuais, citando autores como Balandier, Peter Berger, Pierre Bourdieu, Da Matta, Gluckman, Goodenough, Leach, Lévi-Strauss, Mauss, Nadel, Polanyi, Evans-Pritchard, M. M. Shalins, V. Turner, L. V. Thomas, Van Gennep, Eric Wolf e outros que, como clássicos continuam sendo utilizados nas pesquisas atuais. Assim a pesquisa, embora com trinta anos, é um trabalho atual e por isso mesmo foi publicado na íntegra.

Na Primeira Parte do trabalho é feito um estudo na perspectiva da festa camponesa. A autora inicialmente preocupa-se em compreender como o tempo é percebido pelos camponeses, destacando a oposição entre o tempo do inverno e o do verão. O inverno como tempo das chuvas, da falta de dinheiro, da reclusão, da parcimônia das cerimônias e das não festas. As atividades de trabalho coletivo são discriminadas em roçagem, derrubada de mato, plantio e farinha. Regina mostra que as festas estão relacionadas ao trabalho, mas sua realização é sempre o resultado de um contrato com uma entidade, entre as quais Santo Antônio, São Benedito, São João e o Divino Espírito Santo.

---

Docente Adjunto em Antropologia do Departamento de Sociologia e Antropologia da UFMA (PPGCS). Dr em Antropologia. E-mail: ferretti@elo.com.br

O promesseiro deve possuir a disponibilidade de uma reserva, um começo, um mínimo de acumulação de recursos, que para o camponês é sempre um animal e pode ser um porco ou uma rês. A arrecadação da jóia para as festas é analisada em detalhes como uma forma de reciprocidade generalizada. Regina detém-se no estudo da instituição das terras de santo constatando que muitos moradores dão uma jóia ao santo como agradecimento a um benefício alcançado. Descreve as procissões para arrecadação da jóia, com cânticos específicos acompanhados pelas caixeiras. Depois de mostrar as diversas etapas da festa Regina Prado define e classifica a categoria festa em suas diversas dimensões no contexto social da região, a saber, festas com ou sem data fixa; de batucada ou de baile, festa de rico e de pobre.

A segunda parte do trabalho analisa o folguedo do boi como um discurso sobre a estrutura social de onde emerge. Constata de início que embora os estudos sobre bumba-meu-boi sejam abundantes no país, poucos realizam uma abordagem do ponto de vista analítico e, mais raro ainda, mostram como e o que o bumba-meu-boi conta sobre a sociedade onde é realizado. Constata que o boi pode ser visto sob o aspecto empresarial, vendo a boiada como uma empresa, uma corporação ou uma irmandade e pelo aspecto vocacional, decorrente do chamamento do santo, que vincula o indivíduo a um contrato.

Constata que o bumba-meu-boi é uma luta entre “contrários” verificando a existência de uma violência intraclasse – onde observa o feitiço dos pajés e a violência interclasses constatando que a “boiada” pode se tornar linguagem de defesa de interesses no conflito interclasse.

A brincadeira do boi traz vantagens para seus participantes, mas tem todo um lado místico e religioso que é analisado com cuidado pela autora ao discutir o “brincar por promessa”, em que se enfatiza o sacrifício inerente ao pagamento de um benefício concedido. Constata que na época e no local da pesquisa o bumba-meu-boi era um folguedo eminentemente masculino e que mesmo os papéis femininos das comédias eram desempenhados por travestis.

Uma das análises pioneira do trabalho é o tópico e que a autora discorre sobre o significado dos sonhos no contexto da brincadeira. A experiência onírica na cultura local é vista como mensagem, predição e advertência. Classifica em três grupos os sonhos de brincantes que coletou: os de iniciação, os de revelação e os premonitores. Compara os sonhos de iniciação com a experiência dos shamans siberianos analisada por Mircea Éliade.

No capítulo IV Regina Prado discute o boi como espetáculo, analisando a comédia ou auto do bumba-meu-boi que se desenvolve no espaço dramático de

uma fazenda. Estuda os papéis dos diferentes personagens fixos do auto como espaço de apreensão das regularidades sociais. Informa que os próprios brincantes discernem a “comarca” dos mandantes – dos fazendeiros, dos proprietários de terra e gado, que representam a ordem e a “comarca” dos palhaços, os despossuídos dos meios de produção.

Constata que no bumba-meu-boi existem e são importantes tanto o lado econômico, quanto o lado místico, o lado profano e lúdico quanto o lado religioso, mostrando a polivalência de seus significados simbólicos. Analisa a figura do boi e do miolo do boi, dos palhaços e cazumbás, dos bichos e o ritual da matança do boi. Constata que o bumba-meu-boi é um ritual que enfatiza tanto a estrutura quanto a “*communitas*”. Conclui que os rituais não devem se definidos a priori como sagrado e profano, formal e informal, secular ou religioso, pois contém componentes dessas dicotomias. Assim vê o bumba-meu-boi como um discurso político e econômico, um rito religioso e um folguedo de pilhérias, um cerimonial de aliança e de cura e uma brincadeira.

Analisando a moralidade do bumba-meu-boi e a lógica camponesa discorde de Maria Isaura Pereira de Queiroz, segundo a qual o bumba-meu-boi na sociedade tradicional brasileira defende valores tradicionais do grupo. Diz que o conceito de tradicional nem sempre se opõe à modernização ou à mudança. O conceito de tradição não equivale necessariamente a imobilismo e o de modernidade a um avanço na luta política.

Entre os anexos são incluídos, entre outros o cerimonial do levantamento do mastro, exemplos de diversas toadas de bois e breves e oportunas anotações do Maestro Guerra Peixe sobre as melodias e toques.

Como diz na contra capa Eliane Cantarino O’Dwyer, o trabalho de Regina Prado mantém sua atualidade pela importância das informações de campo coletadas com pesquisa intensa e interpretativa. Benedito Souza Filho diz na orelha que o trabalho associa a riqueza da descrição etnográfica ao cuidado do uso de conceitos e ao esmerado refinamento analítico e continua uma leitura obrigatória àqueles que se dedicam ao estudo do campesinato e das festas populares como o bumba-meu-boi. Maristela de Paula Andrade diz na Apresentação que os trabalhos de Regina Prado e de Laís Mourão (a ser brevemente publicado na mesma coleção), são atualíssimos porque colocam em pauta a capacidade de resistência dos camponeses.

O roteiro de trabalho de campo realizado, a formulação de perguntas, as análises das respostas dadas, as citações de frases e de cânticos, demonstram a segurança do trabalho realizado com dedicação e esmero por Regina Prado e o

sucesso da elaboração do texto final. Como dissemos no lançamento do livro, este trabalho representa uma espécie de “Argonautas do Pacífico” de Malinowski, em relação à pesquisa antropológica no Maranhão. É um marco divisor entre o período em que não havia pesquisa acadêmica e quando esta passou a ser realizada. Não só em relação aos estudos sobre campesinato, bumba-meu-boi ou cultura popular, mas a toda pesquisa antropológica no Maranhão. É um marco de maturidade científica que poucos pesquisadores conseguem atingir. Recomendamos a leitura de *Todo Ano Tem* como um modelo de pesquisa bem feita.